



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública

“Cooperação Internacional no Âmbito das Nações Unidas: solidariedade versus interesses nacionais”

Samira Santana de Almeida¹

RELATÓRIO

1. Apresentação

O presente relatório apresenta o quinto encontro do ano de 2013 do “*Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde*”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil.

Esta reunião do Ciclo tratou do tema “*Cooperação Internacional no Âmbito das Nações Unidas: solidariedade versus interesses nacionais*” e contou com a participação, como expositor: *Hugo Mercer*, sociólogo e professor da Universidade de Buenos Aires, na Argentina; como coordenador da mesa: *Dr. José Paranaguá de Santana*, assessor do Centro de Relações Internacionais em Saúde e coordenador do NETHIS. A seguir, será apresentada a descrição da palestra, com reflexões que podem ser incorporadas ao NETHIS a partir dos debates do Ciclo. Ao final, a título de considerações finais, o resultado do debate é interpretado na forma de temas que podem ser objeto de trabalho por este Núcleo de Estudos, no sentido de que possam ser problematizados e estudados, contribuindo, assim, para a produção científica do NETHIS.

¹ Bacharel e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas – UnB. Especialista e Mestranda em Bioética pela Cátedra UNESCO de Bioética - UnB. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde – NETHIS.



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

2. Cooperação Internacional no Âmbito das Nações Unidas: solidariedade versus interesses nacionais

Palestrante: *Hugo Mercer*

Coordenador: *José N.P. de Santana*

Data: *Setembro de 2013*

Local: *Fiocruz Brasília*

Mercer faz uma retrospectiva histórica, datada desde 1803, com o marco das guerras napoleônicas até 1912, com o marco da Conferência Sanitária Internacional em Washington DC. As ajudas humanitárias tinham um caráter imperial, partindo do pressuposto da intervenção nos países que eram vistos como pobres, ou seja, colocar o pobre no seu lugar e incorporá-lo no mercado de trabalho. O debate de valores está no âmbito de como ajudar e realmente desenvolver o local que esta recebendo ajuda.

Antes as intervenções eram feitas em casos de catástrofes, de forma que não se elevava aquelas populações como é o caso das assistências mais comuns. Hoje, temos o exemplo da bolsa família que, de alguma forma, reproduz esse mesmo padrão assistencialista. Começa a ocorrer no século XX, organizações de ajudas humanitárias, havendo também, um desencanto com a democracia, com a abertura para modelos mais paternalistas e até mesmo ditatoriais em alguns países. Há um ponto de tensão no âmbito da cooperação técnica.

Como ajudar a desenvolver o país, sem perpetuar a manutenção da dependência? Até 45, não existia a intervenção humanitária da maneira que é feita até hoje, propriamente dita, que não é feita apenas internacionalmente. Para isso, é importante que suas constituições/ convenções estejam de acordo com seus propósitos. Justiça e solidariedade são valores que fundamentam as ajudas externas. Ocorre uma mudança de valores, que passam a ser mais universais e menos pontuais, para que não se corra o risco de focar em casos muito específicos. Ela se torna mais operacional atualmente.



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

No contexto do pós-guerra ocorre um salto qualitativo no âmbito da cooperação técnica, partindo da Declaração Universal de Direitos Humanos, como centro, onde são respeitadas suas capacidades e potencialidades. Surgem agências técnicas importantes, como a UNICEF e outras. Entre 1947 e 1951, tivemos o Plano Marshall e em 1961, começam a ocorrer de alguns países começarem a questionar a subalternidade, momento em que ocorrerá a Revolução Cubana e em alguns países da África. Portanto, busca-se um desenvolvimento sem a interferência dos EUA.

No final da década de 60, temos o surgimento de Agências das Nações Unidas e também de outras organizações, de diferenciados tipos de ativismos, sem a vocação de neutralidade que as anteriores se propunham. Essas agências denunciavam situações de opressão, para mover a opinião pública mundial. Há uma forte mudança nos padrões de conduta da burocracia internacional da cooperação técnica.

Com a globalização, temos uma mudança radical, superando a bipolaridade, para um contexto multipolar. Figuras como Amartya Sen, começam a alertar que a crise tem outras causas, como o boicote a alguns trabalhadores. Por isso, não seria um problema delas mesmas, mas sim que suas economias foram comprometidas a tal ponto que fazer comparações não é cabido, quanto mais exigir que essas economias sigam o mesmo padrão de desenvolvimento, sendo que suas histórias são completamente diferentes. Ele aponta os prós e contras das intervenções, dando foco às capacidades e não às necessidades.

Começa a haver um debate político sobre a cooperação técnica internacional, com a inserção da academia nesse processo. De 1948 a 1988 tivemos cinco debruçares sobre essa questão e, de 1989 a 1994 foram vinte missões de paz efetivadas em âmbito internacional. Desde 1993 temos o início da criminalização de alguns atores, como o terrorismo, por exemplo.

Diante desse quadro, nos deparamos com o problema do humanismo e da solidariedade, pois existem riscos de se estar agindo por egoísmos. No âmbito das Nações Unidas, pensam-se nos cenários pós-2015, no entanto, as formas de governo e de economia não mudaram desde o fim da II Guerra. Como mudar? Os discursos podem ser mais humanitários, fala-se de ética e de solidariedade, mas o núcleo dos sistemas



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

econômicos permanece perpetuando a desigualdade. A organização, o uso de combustíveis, por exemplo, não mudou. A fragilidade aumenta nos governos, a desigualdade entre países e populações tem se agravado.

Ações que devem estar interligadas: desenvolvimento econômico inclusivo; desenvolvimento social; sustentabilidade ambiental; paz e segurança. São condições que irão modificar muitas coisas. Direitos de igualdade, de cidadania, de causas ambientais e outros. Como fazer essa transformação? Sociedades mais inclusivas, ao contrário de limitar e marginalizar. Temos embriões de cooperações técnicas inovadoras, solidárias, que requerem a implementação de seus discursos, vivificados na prática.

DEBATE – Principais pontos

Há que se dar um salto da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade. Primeiro exemplo/questionamento: a questão dos médicos é um problema estrito da saúde? A questão da segurança é um problema dos policiais? Ou são problemas mais amplos, que envolvem várias áreas?

Dentre outras, foram levantadas as seguintes questões, por parte dos ouvintes:

- A questão da complexidade na cooperação internacional, sendo esta um espaço que tem de abranger muitas esferas. É possível um aprofundamento, levando em consideração as crises políticas e econômicas mundiais?
- Qual seria o papel dos organismos internacionais para a Cooperação Técnica?
- Ao se colocar o foco no desenvolvimento, como se daria a questão da cooperação internacional?

Os palestrantes respondem que a questão do desenvolvimento é uma temática relativamente nova, há que se trabalhar sobre isso. Há um problema que é a falta de atitude frente à postura dos países que não se julgam aptos para fazerem programas de



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

cooperação técnica. A questão é: será que os que já existem são os melhores? Novas dimensões a problemas que já conhecemos, com a mudança nos mecanismos e técnicas. A superação dos dados quantitativos, outras técnicas de investigação que abrangem níveis de confiança, por exemplo. No entanto, quais interesses estão por trás? A privatização, por exemplo, é uma constante nos organismos nacionais e internacionais. Hoje temos uma nova valorização estatal, portanto, é um campo a ser explorado e investigado hoje e nos próximos anos por parte das organizações governamentais e não governamentais.

3. Considerações Finais

A palestra do sociólogo Hugo Mercer é de grande valor para os estudos que vêm sendo feitos no NETHIS, principalmente por esse caráter mais social do qual o palestrante se refere ao longo de sua fala. Vemos que os estudos de cunho quantitativo não abrangem o cerne do problema da desigualdade global, o que demonstra que as análises devem beber na história e na visão crítica do processo que cada nação esteve envolvida ao longo de seu desenvolvimento econômico e cultural.

A questão da saúde tem sido objeto de debate nas organizações internacionais, no entanto, nem sempre se dá um foco social aos problemas decorrentes das más condições da mesma. O aspecto econômico se sobrepõe ao social, gerando alguns problemas para aqueles que eram para ser “ajudados”, mas que na prática, são levados a reproduzir um padrão de consumo estipulado, com interesses egoístas por parte daqueles que “ajudam”.

A cooperação estruturante surge nesse meandro de como intervir, auxiliando de fato aquelas populações a se desenvolverem por conta própria, dando o devido suporte para que se possa ter condições de melhorar os índices de pobreza e todos os problemas decorrentes disso.